



A MEMÓRIA NA PSICOLOGIA DE RIBOT: A NECESSIDADE DE MUDANÇA E RENOVAÇÃO



Wilson Antonio Frezzatti Jr.¹

Resumo:

O filósofo e psicólogo francês Théodule Ribot, na segunda metade do século XIX, rejeitava a psicologia metafísica (o “estudo da alma”) e propunha uma nova psicologia: científica, fisiológica, experimental e evolucionista. A verdadeira causalidade dos fenômenos psíquicos seria fisiológica. Este artigo, tendo como pano de fundo os processos mnemônicos, pretende mostrar a importância, para Ribot, da mudança e da renovação nas funções psicológicas. A memória é fundamentalmente biológica, múltipla e inconsciente, e está estreitamente ligada à hereditariedade. Se não forem contrabalançadas pelo esquecimento, as memórias se associam firmemente às estruturas nervosas, se consolidam e, em casos em que o indivíduo esteja submetido sempre aos mesmos estímulos, a consciência desaparece e o automatismo

Abstract:

In the second half of the 19th century, the French philosopher and psychologist Théodule Ribot rejected metaphysical psychology (the “study of the soul”) and proposed a new psychology: a scientific, physiological, experimental and evolutionary psychology. The real causality of psychic phenomena is physiological. This article, against the background of mnemonic processes, aims to show the importance of change and renewal in psychological functions according Ribot. Memory is fundamentally biological, multiple and unconscious, and is closely linked to heredity. If the memories are not counterbalanced by forgetfulness, they become firmly associated with nervous structures, are consolidated, and, in cases where the individual is always subjected to the same stimuli, the

¹ Professor associado dos cursos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do Mestrado em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenador do GEN (Grupo de Estudos Nietzsche). Membro do Grupo Internacional *HyperNietzsche* e do GT-Nietzsche (ANPOF). Autor dos livros: *Nietzsche contra Darwin* (2001; 2014; 2022); *A Fisiologia de Nietzsche: a Superação da Dualidade Cultural/Biologia* (2006; 2022); e *Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX* (2019). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7519-3789>. E-mail: wfrezzatti@uol.com.br

completo se instala. Para o ser humano não se tornar uma máquina, são necessárias mudança e renovação em suas atividades.

Palavras-chave:

Ribot. Memória. Evolução. Psicofisiologia.

consciousness disappears and the complete automatism is established. In order for the human being not to become a machine, change and renewal in his activities are necessary.

Keywords:

Ribot. Memory. Evolution. Psychophysiology.

Introdução

A luta da psicologia, enquanto disciplina científica, por sua autonomia em relação à filosofia tem, na França da segunda metade do século XIX, o filósofo Théodule Ribot como uma figura central. O embate principal ocorria entre a filosofia espiritualista, encabeçada por Victor Cousin e Théodore-Simon Jouffroy, e a proposta de uma nova psicologia: científica, experimental e fisiológica². A psicologia era considerada pelos filósofos espiritualistas o principal ramo da filosofia, sendo que seu objeto por excelência seria a alma. Seu método, que constituiria a consciência como o único campo de observação do filósofo, seria a observação interior, isto é, a inspeção da consciência. Segundo Cousin (1833, p. 12): “Entrar na consciência e estudar escrupulosamente todos os seus fenômenos, suas diferenças e suas relações, esse é o primeiro estudo do filósofo; seu nome científico é *psicologia*. A psicologia é, portanto, a condição e como o vestíbulo da filosofia”.

Contra a psicologia metafísica – a velha psicologia – e sua noção de alma e de faculdades, Ribot propõe uma psicologia científica, experimental e fisiológica – a nova psicologia. A alma não é causa e as suas faculdades não são sedes invariáveis das funções psicológicas.

Dentro desse contexto, o objetivo deste artigo é mostrar a importância da mudança e renovação nos processos fisiológicos em Ribot, tendo como pano de fundo as funções mnemônicas sob uma perspectiva fisiológica e evolucionista. Embora, para o psicólogo

2 Sobre esse tema, cf. NICOLAS, 2002, p. 57-139 e FREZZATTI, 2019, p. 45-72.

francês, memória seja hereditariedade, ela não é infalível, devendo haver espaço para as mudanças nos seres vivos, especialmente no ser humano. Caso contrário, a consciência desaparecerá e nos transformaremos em autômatos.

Ribot e a nova psicologia

Ribot foi aluno de Cousin e, posteriormente, tornar-se-ia positivista dissidente. Ele realizou um enorme movimento contra a psicologia metafísica, declarando a necessidade de uma psicologia científica, fisiológica e evolucionista. O positivismo dissidente diferencia-se do pensamento de Auguste Comte, entre outras características, pelo papel atribuído à psicologia. Também ferrenho opositor à psicologia metafísica, Comte (1973, p. 15), em *Curso de filosofia positiva (Cours de philosophie positive, 1830-1842)*, classifica as ciências por seu valor experimental, e as cinco principais, em ordem crescente de importância e em sequência histórica, são: a astronomia, a física, a química, a fisiologia e a física social (sociologia). A psicologia é rejeitada pelo caráter estritamente abstrato, ou seja, pelo caráter metafísico de seu objeto (a alma) e de seu método (observação interior). Na escola positivista dissidente³, uma psicologia fundamentada na fisiologia, a *physiologie psychique*, e um uso limitado do método de observação interior constroem uma “nova psicologia”, científica, experimental e autônoma.

A tese de doutorado de Ribot, defendida na Universidade da Sorbonne, é a primeira a tratar da psicologia científica: *A hereditariedade: Estudo psicológico sobre seus fenômenos, suas leis, suas causas, suas consequências (L'Hérédité: Étude psychologique sur ses phénomènes, ses lois, ses causes, ses conséquences, 1873)*. Em 1885, ministra um curso de psicologia experimental na mesma universidade, mas não consegue mais repeti-lo. Nesse mesmo ano, Ribot e Jean-Martin Charcot instituem a *Société de Psychologie Physiologique*. Em 1888, assume a cátedra de *Psychologie expérimentale et comparée* no *Collège de France*⁴.

Entre os livros de Ribot, temos aqueles que criticam a “velha psicologia” metafísica e propagam a necessidade de uma “nova psicologia” fisiológica e aqueles que desenvolvem

3 Os principais positivistas dissidentes eram Émile Littré, Hippolyte Taine e Ribot.

4 Ribot é considerado o pai da psicologia científica francesa sem ter feito um único experimento nem uma única prática clínica. O primeiro laboratório de psicologia foi estabelecido em 1889, na Sorbonne, por Étienne-Henry Beaunis, também membro fundador da *Société de Psychologie Physiologique*. Apesar disso, nos textos de Ribot, casos ou relatos clínicos e resultados de experimentos neurofisiológicos têm uma grande presença.

um procedimento psicológico objetivo, o método patológico. Em todos eles, Ribot articula suas ideias em torno do associacionismo inglês, da fisiologia experimental alemã e do evolucionismo de Herbert Spencer. *A psicologia inglesa contemporânea (La psychologie anglaise contemporaine, 1870)* e *A psicologia alemã contemporânea (La psychologie allemande contemporaine, 1879)* são os principais livros do primeiro grupo.

A metafísica, Ribot (1870, p. 1-30) afirma, não deve ser a base da psicologia, pois a alma não pode ser o objeto de uma ciência, e o método da observação interior não pode ser o único caminho de investigação. A psicologia científica não deve se ocupar de causas primeiras, mas apenas dos fenômenos psicológicos⁵, conscientes e inconscientes; seu principal método é o da experimentação fisiológica. Enfim, a psicologia deve separar-se da filosofia, a qual se tornará cada vez mais abstrata, resumindo-se a especulações metafísicas e afastando-se totalmente da realidade.

A autonomia da psicologia seria garantida pela fisiologia experimental (cf. RIBOT, 1879, p. I-XXXIII). O método experimental rigoroso investiga as variações dos fenômenos psicológicos e não a consciência ou a alma, as quais, segundo o psicólogo francês, seriam essências abstratas com faculdades imaginárias. Ribot, assim, determina o princípio básico da *psychologie physiologique*: “todo estado psicológico determinado está ligado a um ou vários acontecimentos físicos determinados” (RIBOT, 1879, p. XI). Dessa forma, o psicólogo francês pensa em expandir, de modo objetivo, os limites da “antiga psicologia”: ao estudar a alma humana, ela abordava apenas o homem – e não os animais –, o adulto, o branco e o “civilizado”.

O método patológico de Ribot

Sua trilogia sobre doenças psicológicas tem também o objetivo de estabelecer um método na psicologia, o método patológico (cf. FREZZATTI, 2019, p. 121-34). A falta de um método experimental na antiga psicologia impediu que houvesse uma psicologia comparada que utilizasse a noção de progresso. A patologia, segundo Ribot (1881, p. 51), deve completar e confirmar os resultados da fisiologia normal⁶. As anomalias psicológicas

5 Para Ribot, os fenômenos psicológicos não diferem qualitativamente dos fenômenos fisiológicos e dos físico-químicos. A realidade seria constituída por uma sequência contínua, sem limites definidos, e de grau de complexidade crescente: fenômenos físico-químicos, fisiológicos, psicológicos e culturais (incluindo a moral) (cf. FREZZATTI, 2019, p. 103-6).

6 Ribot propõe uma psicologia composta de três partes interdependentes: 1. Psicologia geral: produz os

são muito preciosas para o psicólogo francês, pois são experimentos refinados propiciados pela natureza (cf. RIBOT, 1870, p. 31). Isso ocorre porque, enquanto a evolução progride de estruturas mais simples para as mais complexas, as morbidades promovem a dissolução destas últimas.

Em outras palavras, as doenças nos revelam os elementos fisiológicos mais simples: elas agem no sentido inverso ao da evolução. Esses são os princípios norteadores de *As doenças da memória* (*Les maladies de la mémoire*, 1881), *As doenças da vontade* (*Les maladies de la volonté*, 1883) e *As doenças da personalidade* (*Les maladies de la personnalité*, 1885)⁷. Ao abordar a memória, a vontade e a personalidade por meio do método patológico, Ribot rejeita as perspectivas metafísicas sobre elas⁸, que passam a ser fenômenos surgidos historicamente e não são mais consideradas causas primeiras: são multiplicidades e não unidades, são relações e não essências.

Assim, por exemplo, a noção metafísica de eu é vista como obscura. O eu teria sua origem nas formas inferiores de vida, o que exige uma investigação histórica e evolutiva, e não uma inspeção da própria consciência, o método de observação interna, como propunham os filósofos espiritualistas. Quanto mais elevado um organismo, mais elevada será a forma de sua individualidade. O Sujeito não é causa uma das ações humanas, mas o resultado de inúmeros processos nervosos, cujo elemento mais simples é o arco reflexo, constituído, por sua vez, de fenômenos físico-químicos. A consciência não é o fundamento dos fenômenos psicológicos, ela é apenas um complemento sobreveniente, pois, em sua imensa maioria, os processos nervosos são inconscientes. Afirma Ribot (1885, p. 18): “É verossímil que a consciência tenha sido produzida como qualquer outra manifestação vital, no início sob uma forma rudimentar e aparentemente sem grande eficácia”. Portanto, a consciência não é algo exclusivo do ser humano nem transcendente.

Em outras palavras, a consciência não é a essência, a propriedade fundamental da alma, mas um acontecimento complexo que supõe um estado particular do sistema nervoso (cf. RIBOT, 1881, p. 22-5). É a ação nervosa que é a condição fundamental e

fundamentos da psicologia por meio da investigação empírica dos fenômenos psicológicos; 2. Psicologia comparada: investigação das estruturas psicológicas pela perspectiva do progresso; e 3. Teratologia científica ou Psicologia das morbidades: a investigação das anomalias (cf. RIBOT, 1870, p. 31-7).

7 Cada uma dessas obras teve inúmeras edições desde o seu lançamento. Encontramos até 1921 26 edições para *As doenças da memória*; 32, para *As doenças da vontade*; e 18, para *As doenças da personalidade*. A editora L'Harmattan vem publicando fac-símiles das obras de Ribot.

8 Com a memória, Ribot aborda a consciência, e com a personalidade, a noção de sujeito.

não a consciência, ou seja, não é a consciência que constitui o fenômeno psíquico: sem a consciência, o orgânico permanece – a recíproca não é verdadeira. Toda ação psíquica pressupõe uma ação nervosa, isto é, a causalidade é efetivamente física (inconsciente) e não psicológica (consciente).

Para Ribot (1881, p. 22-3), há duas condições para a existência da consciência: 1. A intensidade: nossos estados de consciência lutam sem cessar entre si, e um estado intenso pode decair até atingir o limiar da consciência e, assim, tornar-se inconsciente⁹; e 2. A duração: cada ação psíquica consciente requer uma duração de tempo apreciável. Se ela tiver duração inferior à requerida para a consciência, a ação permanece inconsciente.¹⁰

Se considerarmos, segundo o psicólogo francês, a base inconsciente fisiológica de todo o fenômeno psicológico, acontecimentos tais como lembranças repentinas, soluções que nos aparecem subitamente, invenções poéticas e científicas, simpatias e antipatias secretas deixam de ser misteriosos.

A memória é entendida por Ribot no contexto teórico descrito acima.

A memória como fato biológico

O livro *As doenças da memória* está dividido em quatro capítulos mais a conclusão. O primeiro capítulo, “A memória como fato biológico”, trata da memória em suas questões gerais: sua condição fundamentalmente biológica e inconsciente; seu mecanismo; suas condições; seu caráter ilusório; o papel axial do esquecimento; sua tendência a produzir automatismo; etc. Os outros capítulos abordam efetivamente as morbidades, seja por falta ou excesso: o segundo capítulo, “As amnésias gerais”, no qual Ribot apresenta a importância metodológica das doenças, conforme mencionado mais acima, e a lei da regressão, que governa a destruição da memória; o terceiro, “As amnésias parciais”; e o último, “As exaltações da memória ou hipermnésias”.

9 Nessa concepção de luta entre ações psíquicas, Ribot segue Herbart: cf. RIBOT, 1879, p. 1-34.

10 Ribot rejeita a ideia de que a velocidade do pensamento é infinita e que há vários pensamentos ao mesmo tempo na mente. A velocidade é determinada, e os pensamentos ocorrem sequencialmente. Ele nos fornece alguns tempos de percepção, advertindo que esses valores variam muito de acordo com as condições: som, 0,14- 0,16 s; tato, 0,18-0,21 s; luz, 0,20-0,22 s (cf. RIBOT, 1881, p. 23).

Na apresentação da obra, Ribot (1881, n. p.) declara a importância de sua investigação: apesar de haver muitos textos sobre a memória, há muito poucos sobre sua patologia. Ele considera seu próprio texto um ensaio de psicologia descritiva ou mesmo de história natural, o que justifica seu posicionamento no início do primeiro capítulo: a utilização do “novo método”, a saber, a fisiologia experimental e o evolucionismo, para conhecer a natureza da memória (cf. RIBOT, 1881, p. 1). Enquanto a antiga psicologia, segundo Ribot, toma a memória como uma faculdade da alma, como algo inteiramente consciente, a nova psicologia a vê principalmente como uma função orgânica, portanto inconsciente: “A memória é, por essência, um fato biológico; por acidente, um fato psicológico” (RIBOT, 1881, p. 1). Como função biológica, ela tem uma história.

Mas a partir de qual ser – biológico ou psicológico – começar a investigação histórica? Embora haja nos fenômenos orgânicos processos análogos à memória, como, por exemplo, a fotografia, eles são passivos, dependentes de agentes externos e muito distantes dos seres orgânicos (cf. RIBOT, 1881, p. 3-5)¹¹. Entre os seres orgânicos, Ribot descarta também os vegetais, mas aponta o tecido muscular como um primeiro exemplo da aquisição, conservação e reprodução automática de novas propriedades: quanto mais se exercita, mais forte o músculo fica; a cada ação, ele está mais disposto à repetição do mesmo trabalho¹². Aquisição, conservação e reprodução automática são, para Ribot, as propriedades fundamentais da memória.

Do músculo, Ribot (1881, p. 5-11) passa para o que chama de “o tecido mais elevado do organismo”, o tecido nervoso. Para o psicólogo francês, não basta pesquisar o arco reflexo, apesar de ele ser um tipo de memória fixada por hereditariedade, pois é uma ação geral. O que se procura são fenômenos mais específicos: os movimentos automáticos preencheriam esse critério da especificidade da ação. Esses movimentos seriam de dois tipos: as ações automáticas primitivas, inatas, e as ações automáticas secundárias, adquiridas. Os atos primitivos de hoje foram os adquiridos ontem, tendo sido fixados pela formação de associações com reflexos primitivos, nas quais houve incorporação de uns e exclusão de outros reflexos. O exercício é o responsável pela fixação. Por exemplo, quando aprendemos a andar, nos elementos nervosos dos órgãos motores, formam-se associações dinâmicas, secundárias mais ou menos estáveis, as quais se juntam às associações anatô-

11 Nesse comentário, Ribot já nos mostra o caráter ativo de sua concepção de memória.

12 Na abordagem sobre o músculo, Ribot baseou-se em *Sobre a memória como função geral da matéria organizada (Über das Gedächtniss als Allgemeine Function der organisirten Materie*, 2ª ed., 1876), do fisiologista alemão Ewald Hering.

micas, primitivas e permanentes. No início desse processo de aprendizagem, a consciência acompanhava a atividade motora, mas, com a fixação pelo exercício, o movimento torna-se inconsciente. Desse modo, temos uma memória orgânica que nos permite andar, semelhante à memória psicológica, cuja característica específica é a consciência. Ambas as memórias têm o mesmo mecanismo de aquisição, conservação e reprodução.

Além disso, há outro aspecto central na concepção de memória de Ribot: não há uma memória una, mas memórias¹³. Ainda considerando o exemplo do desenvolvimento do andar, é necessária a fixação de várias habilidades específicas, e cada parte do corpo envolvida tem sua memória particular. Assim, não há uma sede única da memória, ao contrário, existem sedes específicas para cada tipo de memória. As lembranças não estão na alma, mas fixadas em seu lugar de surgimento em alguma estrutura do sistema nervoso. Dessa maneira, no mesmo indivíduo, o desenvolvimento desigual dos diversos sentidos e diversos órgãos produz modificações desiguais nas partes do sistema nervoso e, em consequência, condições desiguais de recordação e, portanto, variações da memória (cf. RIBOT, 1881, p. 109-10).

Uma boa memória visual, por exemplo, tem como condição uma boa estrutura do olho, do nervo óptico e das partes do encéfalo (protuberância, pedúnculos ópticos e hemisférios cerebrais) envolvidas no ato da visão. Quanto melhores forem essas condições, melhores serão as memórias visuais. Em suma, as condições fisiológicas da memória são as seguintes: 1. uma modificação particular impressa nos elementos nervosos; e 2. uma associação ou conexão particular estabelecida entre um certo número de elementos.

Memória e hereditariedade: leis físico-químicas

Ao rejeitar a explicação dos fenômenos da memória por uma faculdade hipotética como a consciência, Ribot lança mão de leis físico-químicas. Em *A hereditariedade*,

13 Ribot (1881, p. 107) cita, do filósofo inglês George Henry Lewes, *Problemas da vida e da mente (Problems of Life and Mind, 1879)*: “O antigo e ainda não refutado erro que trata a memória como uma função ou faculdade independente, para a qual se procura um órgão ou uma sede, tem origem na tendência constantemente presente de personificar uma abstração. Ao invés de reconhecê-la como uma expressão abreviada para o que é comum a todos os fatos da lembrança ou para a soma de tais fatos, muitos autores supuseram que ela possuía uma existência independente” (LEWES, 1879, p. 119)*. Ainda segundo Ribot (1881, p. 111), embora na filosofia ainda se considere a memória como uma unidade, a distinção entre as memórias é corrente na fisiologia.

(*) Essa citação foi traduzida por nós diretamente do texto inglês original.

o psicólogo francês associa as leis de memória às leis da indestrutibilidade da força e da conservação de energia – “as mais gerais que regem o universo” (RIBOT, 1873, p. 68). Isso é possível pelo fato de os fenômenos psicológicos, incluindo os morais e culturais, não ocorrerem ao acaso e sem leis (cf. RIBOT, 1873, p. 69). Nada surge do nada, e o que existe não pode se tornar nada: tanto na ordem física quanto na psicológica. Assim, nossas percepções e ideias transformam-se, mas são indestrutíveis, relacionando-se por meio de uma dinâmica de forças. Fortemente apoiado no filósofo alemão Johann Friedrich Herbart, Ribot afirma:

Toda ideia que ocupa a consciência só pode ser deslocada por uma ideia mais forte. Se duas forças mentais que lutam para ocupar a consciência são semelhantes e agem na mesma direção, seus resultados se combinam, produzindo um estado de consciência muito intenso. Se duas forças são iguais e contrárias, ocorre o equilíbrio. Se duas forças são diferentes e contrárias, uma restringe a outra; e, ocorrendo isso, perdem a parte de sua própria força equivalente ao que desloca (RIBOT, 1873, p. 73).

Essa luta de forças para a emergência na consciência produz uma interessante propriedade para o estado inconsciente: “a existência de ideias no inconsciente poderia [...] ser considerada um estado de equilíbrio perfeito” (RIBOT, 1873, p. 74). O surgimento de uma nova ideia na consciência representaria a quebra desse equilíbrio¹⁴.

Assim, uma recordação remete à grande lei universal da conservação da força. Em um domínio menos geral, o da vida, essa lei assume um aspecto mais específico: a lei biológica do hábito (cf. RIBOT, 1873, p. 75-6), isto é, a repetição de uma ideia torna-a mais fixada no organismo, tendendo ao automatismo. Para Ribot: “a memória é apenas uma forma do hábito” (RIBOT, 1873, p. 75). No entanto, há uma ressalva nessa proposição: hábito e memória não são completamente coincidentes, pois o primeiro é completamente inconsciente, enquanto a segunda pode ser consciente ou inconsciente.

A memória, portanto, na concepção de Ribot (1881, p. 46-8), é um processo de organização fisiológica em graus variados, compreendido entre dois extremos: um estado novo e o registro orgânico. Esse desenvolvimento tem como modelo os movimentos automáticos. Ele começa por uma aquisição nova na mente que é reavivada uma ou duas vezes¹⁵. Essas lembranças são instáveis e podem desaparecer se não forem reativadas. A

14 Nessa abordagem, Ribot cita os seguintes autores: Herbert Spencer (*Princípios de psicologia*), Hippolyte Taine (*Da inteligência*) e Johannes Müller (*Manual de fisiologia*).

15 Baseado em Wilhelm Wundt, Ribot aponta que, tanto na percepção quanto na lembrança, a operação nervosa é a mesma.

imensa maioria dos fatos que nos acontecem acabam desaparecendo da memória, a não ser que eles sejam reativados, voluntária ou involuntariamente, com certa frequência, o que resulta numa maior organização, ou seja, maior associação com os outros estados nervosos e num aumento de sua estabilidade. Com a repetição, a lembrança torna-se mais impessoal, mais objetiva e a localização no tempo torna-se tênue até desaparecer. Cada vez mais, ela sai da esfera psíquica (consciente) para se transformar em memória orgânica (inconsciente). Enfim, uma memória completamente organizada, inconsciente e hereditária se constitui¹⁶. Tal transformação é a que ocorreria durante o aprendizado de uma língua ou de um instrumento musical.

A hereditariedade, para Ribot, é uma memória da espécie. Ela é para a espécie o que a memória propriamente dita é para o indivíduo. Nos dois casos, a base é sempre biológica (cf. RIBOT, 1873, p. 77). Assim, a memória orgânica é altamente organizada, pois é fortemente associada às estruturas nervosas; inconsciente, pois puramente fisiológica, sem consciência; e hereditária, porque adquirida e incorporada ao organismo.

Memória e esquecimento: condições da vida saudável

Sendo a memória um fato biológico fundamentado, em última instância, em fenômenos físico-químicos, a sua capacidade de armazenamento não é infinita, mas limitada (cf. RIBOT, 1881, p. 46). Como já vimos, há uma luta entre os estados da consciência para permanecerem conscientes, e mesmo entre os estados inconscientes para se tornarem conscientes. Assim, o esquecimento tem um papel importantíssimo nos processos mnemônicos: ele é a própria condição da memória. Sem o esquecimento total de um imenso número de estados de consciência e o esquecimento momentâneo de um grande número deles, não poderíamos nos lembrar. Para Ribot, o esquecimento, com exceção de alguns casos, não é uma doença da memória, mas condição de saúde e da própria vida.

16 Os reflexos nervosos organizados que compõem a memória orgânica são, por sua vez, complexos formados por reflexos simples. Estes últimos, exatamente por serem reflexos simples, são anatomicamente inatos, sendo eles próprios anteriormente adquiridos e fixados pelas inúmeras experiências na evolução das espécies. Desse modo, a memória individual transforma-se em memória da espécie, que é transmitida hereditariamente (cf. RIBOT, 1881, p. 46). Ribot, como muitos em sua época, pensava como plenamente efetiva a transmissão dos caracteres adquiridos.

A memória está ligada às condições fundamentais da vida¹⁷. E vida, segundo o psicólogo francês, é adquirir e perder, isto é, assimilação e desassimilação (cf. RIBOT, 1881, p. 46-7, 50-1 e 101). E esquecer é desassimilar. Toda forma de memória pressupõe associações dinâmicas entre os elementos nervosos e as suas modificações particulares, as quais não ocorrem em matéria inerte, mas em matéria viva, que se renova continuamente. Para que a modificação persista, é necessário que o arranjo das novas moléculas reproduza exatamente aquele que é substituído. O fluxo de renovação das moléculas no organismo é determinado pela nutrição. Além disso, as células também se reproduzem, e a reprodução ou geração é uma forma de nutrição¹⁸. Portanto, a memória depende diretamente da nutrição.

Não obstante, há aparentemente um problema aqui: se a substituição é, a princípio exata, como explicar as transformações progressivas ou decadentes dos seres vivos? No âmbito científico, a hereditariedade é uma lei, ou seja, é constante e se repete – semelhante produz semelhante: “A hereditariedade é uma lei da natureza viva, uma lei biológica, fatal e necessária, como as leis físicas, um princípio de conservação e estabilidade” (Ribot, 1873, p. 513). Todavia, de fato, no processo vital, as substituições nem sempre são exatas. Por ser uma lei do mundo vivo, a hereditariedade, apenas em condições ideais, realiza uma repetição constante das mesmas características¹⁹. Em outras palavras, a lei da heredi-

17 Segundo Ribot (1881, p. 47), a memória, por sua íntima relação com as funções fundamentais da vida, seria um dos melhores testemunhos em favor da teoria da evolução. Seu estudo, assim, não deveria ser apenas uma fisiologia, mas também uma morfologia, ou seja, uma história das transformações.

18 Ribot considera a nutrição o processo vital por excelência. Ela não se faz em um instante, o que significa que a fixação da memória necessita de tempo para ocorrer (cf. RIBOT, 1881, p. 157-9). A memória é, afinal, uma impregnação biológica, e a fadiga é fatal a ela. Alguns biólogos do século XIX consideravam que a reprodução seria uma forma de nutrição, pois, se a nutrição promove o crescimento do indivíduo, a reprodução é uma forma de crescimento em um organismo que já atingiu o tamanho determinado por sua espécie. Sobre isso, cf. HAECKEL, 1924, p. 269; ROUX, 1881, p. 213-6 e 223-30; e também o filósofo SPENCER, 1864, p. 224-37.

19 Ribot reafirma essa concepção de que, por princípio, a substituição de moléculas pela assimilação ocorre de modo exato, ao citar o patologista inglês James Paget (cf. RIBOT, 1881, p. 159), que também tem essa ideia: “Como pode o cérebro ser o órgão da memória, se se supõe que sua substância sempre muda? Ou como é que essa presumida mudança nutritiva de todas as partículas do cérebro não destrói toda a memória e todo o conhecimento das coisas sensíveis, como ocorre com uma súbita destruição provocada por alguma grande injúria? A resposta é, - devido à exatidão da assimilação efetuada no processo formativo: o efeito uma vez produzido por uma impressão no cérebro, seja uma percepção ou um ato intelectual, é fixado e aí retido, porque a parte, seja ela qual for, que foi assim modificada é exatamente representada pela parte que a sucede no curso da nutrição” (PAGET, 1853, p. 53)*. O psicólogo francês reafirma a analogia de Paget entre a memória e uma doença infecciosa: “Tão paradoxal que possa parecer uma aproximação entre uma doença infecciosa e a memória, ela é, portanto, perfeitamente exata do ponto de vista biológico” (RIBOT, 1881, p. 159).

(*) Essa citação foi traduzida por nós diretamente do texto inglês original.

tariedade não é invariável, certa e absolutamente necessária, já que, se todas suas condições não estiverem presentes, ela não se efetiva, produzindo variações. As relações vitais são extremamente complexas e mutáveis, e várias leis se sobrepõem e atuam umas sobre as outras. Enfim, a semelhança torna-se apenas aproximada.

Portanto, a substituição de moléculas e células não é sempre feita de modo perfeito. A dinâmica de assimilação e desassimilação, com sua seleção de certas percepções e associações, faz com que a recordação do passado não seja exata. O que retemos na memória não é o que ocorreu exatamente, uma vez que não retemos todos os detalhes e o que retemos dá lugar a outras lembranças. A memória, assim sendo, tem um caráter ilusório.

Ao estudar as amnésias completas, Ribot (1881, p. 94-5) propõe que a destruição total da memória começa pelas lembranças recentes, mal fixadas nos elementos nervosos e raramente repetidas, isto é, por aquelas fracamente associadas a outras e muito pouco organizadas²⁰. O processo mórbido termina na memória sensorial, instintiva, fixada no organismo e que se torna o próprio corpo. O psicólogo francês propõe uma lei para essa dinâmica, a lei da dissolução da memória: a destruição progressiva da memória “desce progressivamente do instável para o estável” (RIBOT, 1881, p. 94). Essa lei é um caso particular de uma outra ainda mais universal referente à vida: a lei da regressão ou reversão²¹.

No caso do ser humano, o esquecimento é importantíssimo, pois, em uma marcha contínua em direção à organização, uma simplificação torna possível uma forma de pensamento mais elevada. Se a memória apenas crescesse em organização, sem nenhum contrabalanceamento, haveria a aniquilação progressiva da consciência: o homem tornar-se-ia um autômato. Se formos obrigados a permanecer em uma situação em que falte qualquer estado novo de consciência, isto é, percepções, ideias, imagens, sentimentos, desejos, etc., perderíamos nossa consciência. Segundo Ribot (1881, p. 50), mesmo aqueles que caem em uma rotina realizam isso de certa maneira: descartando o novo e o imprevisível, eles tendem à estabilidade perfeita – tornam-se máquinas.

20 As lembranças não se depositariam nos tecidos cerebrais como camadas geológicas, as quais a doença vai extraindo (cf. RIBOT, 1881, p. 100-101). Elas ocupam o mesmo lugar anatômico que as impressões primitivas, exigindo a atividade das células nervosas, ou seja, podem ocupar desde o córtex cerebral até a medula espinal.

21 Na seção “A hereditariedade como causa de decadência” de *A hereditariedade*, Ribot considera que, ao lado do progresso, pelo qual os seres vivos melhoram e se tornam superiores, temos também o enfraquecimento e o declínio (cf. RIBOT, 1873, p. 420-426). Assim, a hereditariedade, por ser uma tendência conservadora, pode fixar tanto o progresso quanto a decadência adquiridos. Trata-se do próprio processo vital: tudo que vive declina e morre, seja o indivíduo, o povo ou a própria humanidade, e suas causas são sempre fisiológicas ou orgânicas.

Considerações finais

Podemos, sem dúvida, colocar Ribot como um precursor do que chamaríamos hoje de filosofia da mente. Os temas principais dessa disciplina, a saber, a relação corpo-mente, a natureza do eu e a identidade são aspectos importantes de seu pensamento. O médico e filósofo belga Missa (1993, p. 85-6, 133 e 138-19) considera que as ideias do psicólogo francês ainda teriam uma certa validade, como, por exemplo, a multiplicidade e não a unidade da consciência, pois o seu método baseado nas neurociências o afastou da filosofia espiritualista, o que não teria ocorrido com Henri Bergson. Missa faz sua análise no contexto da filosofia da mente²², a qual, segundo o autor, faz parte das ciências cognitivas, que, por sua vez, englobam as neurociências (cf. MISSA, 1993, p. 15).

Para o autor, as ciências cognitivas, que teriam um caráter fortemente filosófico, seriam compostas pelas seguintes disciplinas: psicologia cognitiva, linguística, inteligência artificial, neurociências e filosofia da mente. As neurociências, no sentido do conjunto de ciências que investigam o sistema nervoso, têm como constituintes principais a neurologia clínica, a neurofisiologia, a neuroanatomia, a neuroquímica, a neuropsicologia e a neurofarmacologia. Essas ciências, cada vez mais, segundo Missa (1993), atraem filósofos, tais como Patricia e Paul Churchland, Edward Hundert, John Searle e Daniel Dennett.

Assim, Ribot faria parte de uma perspectiva que defende a fundamentação da questão axial mente-cérebro (*esprit-cerveau*) nas ciências experimentais e que se contrapõe ao que seriam as três principais teses metafísicas de *Matéria e memória* (*Matière et mémoire*, 1896), de Bergson: 1. O cérebro é o órgão de ação, não de representação; 2. A memória é de natureza espiritual, e o cérebro não é um depósito de lembranças; e 3. O eu (*moi*) é uma entidade única, indivisível (cf. MISSA, 1993, p. 139).

Missa (1993, p. 39-41) inclui Ribot entre aqueles que propõem a teoria do duplo aspecto: o espírito é a face subjetiva e o cérebro é a face objetiva da mesma entidade, a mente-cérebro²³. Os outros autores seriam: Gustav Theodor Fechner, em *Elementos da psicofísica* (*Elemente der Psychophysik*, 1860); Hippolyte Taine, em *Da inteligência* (*De l'In-*

22 Missa utiliza a expressão *philosophie de l'esprit* (filosofia do espírito). No entanto, faz uma nota esclarecendo que, apesar de na língua francesa *esprit* ter conotação espiritualista, ou seja, correspondente à alma, ele utiliza essa palavra no sentido do termo inglês *mind* (mente), que seria mais “neutro” (cf. MISSA, 1993, p. 18). Por isso, preferimos traduzir, no contexto das ideias de Missa, *philosophie de l'esprit* por filosofia da mente.

23 Ribot, de fato, defende, em *A hereditariedade*, que a diferença entre o físico e o moral (ou psicológico) não se refere à natureza de cada um, mas ao modo pelo qual os conhecemos (cf. RIBOT, 1873, p. 355-6).

telligence, 1870); Alexander Bain, em *O espírito e o corpo* (*L'Esprit et le corps*, 1873); e Thomas Nagel, em *O que isso tudo significa?* (*What does it All Mean?: A very short Introduction to Philosophy*, 1987). Embora essa teoria tenha o grave defeito de não explicar como se produz a passagem da face objetiva (a atividade cerebral) à face subjetiva (a experiência interior), Missa acredita ser ela aquela postura que melhor permite a investigação do problema *sprit-cerveau*.

À teoria do duplo aspecto, Missa (1993, p. 18-9) associa seu objetivo, qual seja: investigar os aportes consideráveis que as neurociências podem oferecer à filosofia da mente, a qual deve abandonar as considerações *a priori* e abarcar os dados das ciências cognitivas. Sua meta é construir uma filosofia natural, ou seja, uma reflexão filosófica enriquecida pelo método analítico e pelas descobertas das ciências experimentais. Ele arrola alguns problemas a serem abordados por essa disciplina: a relação corpo-mente; a percepção; a memória; as emoções; a consciência; a intencionalidade; a noção de localização cerebral; a relação entre o inato e o adquirido; o papel da evolução darwiniana no funcionamento da mente-cérebro; a noção de unidade do eu; a terminologia da disciplina; e sua metodologia.

Essa proposta parece ser próxima daquela de Patricia Churchland, em *Neurofilosofia* (*Neurophilosophy*, 1986), na qual a filosofia da mente deve se naturalizar por meio das neurociências e da psicologia cognitiva²⁴. Para ela, uma nova abordagem mente-cérebro propiciaria o conhecimento de nós mesmos. No final de *Neurofilosofia*, lemos:

as descobertas na neurociência indubitavelmente substituirão uma série de ortodoxias estabelecidas e queridas da filosofia. Exceto por um milagre ou por uma teimosia calcificada, isso transfigurará particularmente a epistemologia, quando descobrirmos o que realmente significa para o cérebro aprender, teorizar, conhecer e representar. A neurociência pode mesmo nos ensinar uma ou duas coisas fundamentais sobre como a ciência e a matemática são elas próprias possíveis para a nossa espécie. Isso é, então, o cérebro investigando o cérebro, teorizando sobre o que os cérebros fazem quando eles teorizam, descobrindo o que os cérebros fazem quando eles descobrem, e ser mudado para sempre pelo conhecimento (CHURCHLAND, 1986, p. 482).

24 Churchland, segundo Missa (1993, p. 203), quase iguala a atividade filosófica com a atividade científica, sendo que a diferença estaria somente na visão panorâmica da filosofia sobre as coisas e em assumir questões desprezadas pelas ciências. Lembremos que o subtítulo de *Neurofilosofia* é “Em direção a uma ciência da mente/cérebro unificada”.

Embora Ribot também propusesse a investigação fisiológica acerca dos fenômenos psicológicos ou mentais, o que valeria uma aproximação às ideias imediatamente acima apresentadas, não podemos esquecer que seu esforço teórico sempre esteve ligado à autonomia da psicologia em relação à filosofia. Como positivista, embora dissidente, rejeitava toda abordagem metafísica: o futuro da filosofia, com a independência científica de seus vários ramos, é tornar-se uma metafísica cada vez mais abstrata, ou seja, especulações gerais do espírito humano sobre as primeiras e últimas causas (cf. RIBOT, 1870, p. 11-4). Para ele, a filosofia se esvaziará, pois estará tão afastada dos fatos, extremamente abstrata, que se tornará arte: “Diz-se que os metafísicos são poetas que lhes falta a vocação” (RIBOT, 1870, p. 15). E complementa: poesia má escrita para uns, divina para outros.

Portanto, o psicólogo francês não pretendia erigir uma filosofia da mente ou uma filosofia natural ou ainda uma filosofia naturalista. Tratava-se de uma psicologia como ciência experimental. A produção do conhecimento científico corre ao lado da rejeição de conceitos abstratos puros da metafísica, particularmente essências imutáveis que seriam responsáveis pelos fenômenos psicológicos. Ribot afirmava o movimento, a multiplicidade, a diversidade e a história evolutiva, e buscava explicar o comportamento humano por meio dessa perspectiva.

No caso da memória, ela é uma função geral do sistema nervoso, estreitamente relacionada à hereditariedade, e tem por base a propriedade dos elementos nervosos mais simples de conservar uma modificação recebida e de formar associações dinâmicas. Conservar e reproduzir, as principais operações da memória, são condições fundamentais da vida. Não há uma dualidade corpo-alma, mas, sim, uma continuidade entre o físico-químico, o fisiológico e o psicológico (que inclui o moral e o cultural). A diferença entre essas instâncias não é qualitativa, mas de graus de complexidade do agrupamento dos fenômenos físico-químicos mais elementares.

Assim, a memória psíquica é apenas uma forma mais complexa de memória. Vida é também movimento, transformação. E sendo a memória um tipo de hereditariedade, é justamente essa característica que permite a mudança e a renovação dos estados mentais. Como as condições naturais são mutáveis, a conservação da estrutura não se mantém perfeita, e isso abre a possibilidade de transformações: a memória não é algo absoluto. A quebra do equilíbrio no inconsciente fisiológico, provocada por novos estímulos, faz sur-

gir novas representações na consciência. Como consequência importante, temos que nós, seres humanos, não devemos estar sempre submetidos às mesmas circunstâncias, pois a conservação reinaria absoluta sobre a renovação de nossos estados mentais e nos tornaríamos máquinas, seres automáticos, sem reflexão, e de funcionamento apenas inconsciente.

Referências

CHURCHLAND, Patricia Smith. **Neurophilosophy: toward a unified science of the mind/brain**. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology, 1986.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Tradução: J. A. Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os pensadores).

COUSIN, Victor. **Fragments philosophiques**. 2ª ed. Paris: Ladrance, 1833.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2019.

HAECKEL, Ernst. **Die Lebenswunder: Gemeinverständliche Studien über biologische Philosophie**. Leipzig/Berlin: Alfred Kröner Verlag/Carl Henschel Verlag, 1924.

LEWES, George Henry. **Problems of life and mind**. Third series. vol. 2. London: Trübner & Co., 1879. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fokZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 12/05/2023.

MISSA, Jean-Noël. **L' esprit-cerveau: la philosophie de l' esprit à la lumière des neurosciences**. Paris: Vrin, 1993.

NICOLAS, Serge. **Histoire de la psychologie française: naissance d' une nouvelle science**. Paris: In Press, 2002.

PAGET, James. **Lectures on Surgical Pathology**. vol. I. London: Brown, Green, and Longmans, 1853.

RIBOT, Théodule. **La psychologie anglaise contemporaine (école expérimentale)**. Paris: Librairie Philosophique de Ladrance, 1870.

RIBOT, Théodule. **L' hérédité: Étude** psychologique sur ses phénomènes, ses lois, ses causes, ses conséquences. Paris: Librairie Philosophique de Ladrance, 1873.

RIBOT, Théodule. **La psychologie allemande contemporaine (école expérimentale)**. Paris: Librairie Germer Baillière, 1879.

RIBOT, Théodule. **Les maladies de la mémoire.** Paris: Germer Baillièrre, 1881.

ROUX, Wilhelm. **Der Kampf der Theile im Organismus:** ein Beitrag zur Vervollständigung der mechanischen Zweckmässigkeitlehre. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1881.

SPENCER, Herbert. **The principles of biology.** v. I. London: Williams and Norgate, 1864.



